

DOMINGO IV DO ADVENTO

CIC 495-507: a maternidade virginal e Maria

495 Chamada nos evangelhos «a Mãe de Jesus» (*Jo* 2, 1; 19, 25)¹, Maria é aclamada, sob o impulso do Espírito Santo e desde antes do nascimento do seu Filho, como «a Mãe do meu Senhor» (*Lc* 1, 43). Com efeito, Aquele que Ela concebeu como homem por obra do Espírito Santo, e que Se tornou verdadeiramente seu Filho segundo a carne, não é outro senão o Filho eterno do Pai, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é, verdadeiramente, Mãe de Deus (Θεοτόκος)².

A VIRGINDADE DE MARIA

496 Desde as primeiras formulações da fé³, a Igreja confessou que Jesus foi concebido unicamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, afirmando igualmente o aspecto corporal deste acontecimento: Jesus foi concebido «*absque semine, ex Spiritu Sancto* – do Espírito Santo, sem sêmen [de homem]»⁴. Os santos Padres vêem, na concepção virginal, o sinal de que foi verdadeiramente o Filho de Deus que veio ao mundo numa humanidade como a nossa:

Diz, por exemplo, Santo Inácio de Antioquia (princípio do século II): «Vós estais firmemente convencidos, a respeito de nosso Senhor, que Ele é verdadeiramente da raça de David segundo a carne⁵, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus⁶; verdadeiramente nascido duma virgem [...], foi verdadeiramente crucificado por nós, na sua carne, sob Pôncio Pilatos [...] e verdadeiramente sofreu, como também verdadeiramente ressuscitou»⁷.

497 As narrativas evangélicas⁸ entendem a concepção virginal como uma obra divina que ultrapassa toda a compreensão e possibilidade humanas⁹: «O que foi gerado nela vem do Espírito Santo», diz o anjo a José, a respeito de Maria, sua esposa (*Mt* 1, 20). A Igreja vê nisto o cumprimento da promessa divina feita através do profeta Isaías: «Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho» (*Is* 7, 14), segundo a tradução grega de *Mt* 1, 23.

498 Tem, por vezes, causado impressão o silêncio do Evangelho de São Marcos e das epístolas do Novo Testamento sobre a concepção virginal de Maria. Também

¹ Cf. *Mt* 13, 55.

² Cf. CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 251.

³ Cf. DS 10-64.

⁴ CONCÍLIO DE LATRÃO, (ano 649), Canon 3: DS 503.

⁵ Cf. *Rm* 1, 3.

⁶ Cf. *Jo* 1, 13.

⁷ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Smyrnaeos* 1-2: SC 10bis, p. 132-134 (FUNK 1, 274-276).

⁸ Cf. *Mt* 1, 18-25; *Lc* 1, 26-38.

⁹ Cf. *Lc* 1, 34.

foi questionado, se não se trataria aqui de lendas ou construções teológicas fora do âmbito da historicidade. A isto há que responder: a fé na conceição virginal de Jesus encontrou viva oposição, troça ou incompreensão por parte dos não-crentes, judeus e pagãos¹⁰; mas não tinha origem na mitologia pagã, nem era motivada por qualquer adaptação às ideias do tempo. O sentido deste acontecimento só é acessível à fé, que o vê no «nexo que liga os mistérios entre si»¹¹, no conjunto dos mistérios de Cristo, da Encarnação até à Páscoa. Já Santo Inácio de Antioquia fala deste nexo: «O Príncipe deste mundo não teve conhecimento da virgindade de Maria e do seu parto, tal como da morte do Senhor: três mistérios extraordinários, que se efectuaram no silêncio de Deus»¹².

MARIA – «SEMPRE VIRGEM»

- 499** O aprofundamento da fé na maternidade virginal levou a Igreja a confessar a virgindade real e perpétua de Maria¹³, mesmo no parto do Filho de Deus feito homem¹⁴. Com efeito, o nascimento de Cristo «não diminuiu, antes consagrou a integridade virginal» da sua Mãe¹⁵. A Liturgia da Igreja celebra Maria como a *αειπαρθένος*, a «sempre Virgem»¹⁶.
- 500** A isso objecta-se, por vezes, que a Escritura menciona irmãos e irmãs de Jesus¹⁷. A Igreja entendeu sempre estas passagens como não designando outros filhos da Virgem Maria. Com efeito, Tiago e José, «irmãos de Jesus» (*Mt* 13, 55), são filhos duma Maria discípula de Cristo¹⁸ designada significativamente como «a outra Maria» (*Mt* 28, 1). Trata-se de parentes próximos de Jesus, segundo uma expressão conhecida do Antigo Testamento¹⁹.
- 501** Jesus é o filho único de Maria. Mas a maternidade espiritual de Maria²⁰ estende-se a todos os homens que Ele veio salvar: «Ela deu à luz um Filho que Deus estabeleceu como “primogénito de muitos irmãos” (*Rm* 8, 29), isto é, dos fiéis para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe»²¹.

A MATERNIDADE VIRGINAL DE MARIA NO PLANO DE DEUS

- 502** O olhar da fé pode descobrir, em ligação com o conjunto da Revelação, as razões misteriosas pelas quais Deus, no seu desígnio salvífico, quis que o seu Filho nascesse duma virgem. Tais razões dizem respeito tanto à pessoa e missão

¹⁰ Cf. SÃO JUSTINO, *Dialogus cum Tryphone Iudaeo* 66-67: CA 2, 234-236 (PG 6, 628-629); ORÍGENES, *Contra Celsum*, 1, 32: SC 132, 162-164 (PG 8, 720-724); *Ibid.*, 1, 69: SC 132, 270 (PG 8, 788-789); e outros.

¹¹ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 4: DS 3016.

¹² SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios* 19, 1: SC 10bis, 74 (FUNK 1, 228); cf. *1 Cor* 2, 8.

¹³ II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA, Sess. 8ª, Canon 6: DS 427.

¹⁴ Cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Tomus ad Flavianum*: DS 291; *Ibid.*: DS 294; PELÁGIO I, Ep. *Humani generis*: DS 442; CONCÍLIO DE LATRÃO, Canon 3: DS 503; XVI CONCÍLIO DE TOLEDO, *Symbolum*: DS 571; PAULO IV, Const. *Cum quorundam hominum*: DS 1880.

¹⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 57: AAS 57 (1965) 61.

¹⁶ Cf. Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 52: AAS 57 (1965) 58.

¹⁷ Cf. *Mc* 3, 31-35; 6, 3; *1 Cor* 9, 5; *Gl* 1, 19.

¹⁸ Cf. *Mt* 27, 56.

¹⁹ Cf. *Gn* 13, 8; 14, 16; 29, 15; etc.

²⁰ Cf. *Jo* 19, 26-27; *Ap* 12, 17.

²¹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 63: AAS 57 (1965) 64.

redentora de Cristo como ao acolhimento dessa missão por Maria, para bem de todos os homens:

- 503** A virgindade de Maria manifesta a iniciativa absoluta de Deus na Encarnação. Jesus só tem Deus por Pai²². «A natureza humana, que Ele assumiu, nunca O afastou do Pai [...]. Naturalmente Filho do seu Pai segundo a divindade, naturalmente Filho da sua Mãe segundo a humanidade, mas propriamente Filho de Deus nas suas duas naturezas»²³.
- 504** Jesus é concebido pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, porque Ele é o *Novo Adão*²⁴, que inaugura a criação nova: «O primeiro homem veio da terra e do pó; o segundo homem veio do céu» (1 Cor 15, 47). A humanidade de Cristo é, desde a sua conceição, cheia do Espírito Santo, porque Deus «não dá o Espírito por medida» (Jo 3, 34). É da «sua plenitude», que Lhe é própria enquanto cabeça da humanidade resgatada²⁵, que «nós recebemos graça sobre graça» (Jo 1, 16).
- 505** Jesus, o novo Adão, inaugura, pela sua conceição virginal, o novo nascimento dos filhos de adopção, no Espírito Santo, pela fé. «Como será isso?» (Lc 1, 34)²⁶. A participação na vida divina não procede «do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus» (Jo 1, 13). A recepção desta vida é virginal, porque é inteiramente dada ao homem pelo Espírito. O sentido esponsal da vocação humana, em relação a Deus²⁷, foi perfeitamente realizado na maternidade virginal de Maria.
- 506** Maria é virgem, porque a virgindade é nela o *sinal da sua fé*, «sem a mais leve sombra de dúvida»²⁸, e da sua entrega sem reservas à vontade de Deus²⁹. É graças à sua fé que ela vem a ser a Mãe do Salvador: «*Beatior est Maria percipiendo fidem Christi quam concipiendo carnem Christi* – Maria é mais feliz por receber a fé de Cristo do que por conceber a carne de Cristo»³⁰.
- 507** Maria é, ao mesmo tempo, virgem e mãe, porque é a figura e a mais perfeita realização da Igreja³¹: «Por sua vez, a Igreja, que contempla a sua santidade misteriosa e imita a sua caridade, cumprindo fielmente a vontade do Pai, torna-se também, ela própria, mãe, pela fiel recepção da Palavra de Deus: efectivamente, pela pregação e pelo Baptismo, gera, para uma vida nova e imortal, os filhos concebidos por acção do Espírito Santo e nascidos de Deus. E também ela é virgem, pois guarda fidelidade total e pura ao seu esposo»³².

²² Cf. Lc 2, 48-49.

²³ CONCÍLIO DE FRIÚL (ano 796), *Symbolum*: DS 619.

²⁴ Cf. 1 Cor 15, 45.

²⁵ Cf. Cl 1, 18.

²⁶ Cf. Jo 3, 9.

²⁷ Cf. 2 Cor 11, 2.

²⁸ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 63: AAS 57 (1965) 64.

²⁹ Cf. 1 Cor 7, 34-35.

³⁰ SANTO AGOSTINHO, *De sancta virginitate*, 3, 3: CSEL 41, 237 (PL 40, 398).

³¹ Cf. Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 63: AAS 57 (1965) 64.

³² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 64: AAS 57 (1965) 64.

CIC 437, 456, 484-486, 721-726: Maria, Mãe de Deus por obra do Espírito Santo

- 437** O anjo anunciou aos pastores o nascimento de Jesus como sendo o do Messias prometido a Israel: «nasceu-vos hoje, na cidade de David, um salvador que é Cristo, Senhor» (*Lc 2, 11*). Desde a origem, Ele é «Aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo» (*Jo 10, 36*), concebido como «santo» no seio virginal de Maria³³. José foi convidado por Deus a «levar para sua casa Maria, sua esposa», grávida d'«Aquele que nela foi gerado pelo poder do Espírito Santo» (*Mt 1, 20*), para que Jesus, «chamado Cristo», nascesse da esposa de José, na descendência messiânica de David (*Mt 1, 16*)³⁴.
- 456** Com o Credo Niceno-Constantinopolitano, respondemos confessando: «*Por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus; e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e Se fez homem*»³⁵.
- 484** A Anunciação a Maria inaugura a «plenitude dos tempos» (*Gl 4, 4*), isto é, o cumprimento das promessas e dos preparativos. Maria é convidada a conceber Aquele em quem habitará «corporalmente toda a plenitude da Divindade» (*Cl 2, 9*). A resposta divina ao seu «como será isto, se Eu não conheço homem?» (*Lc 1, 34*) é dada pelo poder do Espírito: «O Espírito Santo virá sobre ti» (*Lc 1, 35*).
- 485** A missão do Espírito Santo está sempre unida e ordenada à do Filho³⁶. O Espírito Santo, que é «o Senhor que dá a Vida», é enviado para santificar o seio da Virgem Maria e para a fecundar pelo poder divino, fazendo-a conceber o Filho eterno do Pai, numa humanidade originada da sua.
- 486** Tendo sido concebido como homem no seio da Virgem Maria, o Filho único do Pai é «Cristo», isto é, ungido pelo Espírito Santo³⁷, desde o princípio da sua existência humana, embora a sua manifestação só se venha a fazer progressivamente: aos pastores³⁸, aos magos³⁹, a João Baptista⁴⁰, aos discípulos⁴¹. Toda a vida de Jesus Cristo manifestará, portanto, «como Deus O ungiu com o Espírito Santo e o poder» (*Act 10, 38*).
- 721** Maria, a santíssima Mãe de Deus, sempre virgem, é a obra-prima da missão do Filho e do Espírito na plenitude do tempo. Pela primeira vez no desígnio da salvação e porque o seu Espírito a preparou, o Pai encontra a *morada* na qual o seu Filho e o seu Espírito podem habitar entre os homens. É neste sentido que a Tradição da Igreja muitas vezes lê, em relação a Maria, os mais belos textos sobre a Sabedoria⁴²: Maria é cantada e apresentada na Liturgia como «o Trono da Sabedoria».

³³ Cf. *Lc 1, 35*.

³⁴ Cf. *Rm 1, 3; 2 Tm 2, 8; Ap 22, 16*.

³⁵ DS 150.

³⁶ Cf. *Jo 16, 14-15*.

³⁷ Cf. *Mt 1, 20; Lc 1, 35*.

³⁸ Cf. *Lc 2, 8-20*.

³⁹ Cf. *Mt 2, 1-12*.

⁴⁰ Cf. *Jo 1, 31-34*.

⁴¹ Cf. *Jo 2, 11*.

⁴² Cf. *Pr 8, 1-9, 6; Ecl 24*.

Nela começam a manifestar-se as «maravilhas de Deus», que o Espírito vai realizar em Cristo e na Igreja:

- 722 O Espírito Santo *preparou* Maria pela sua graça. Convinha que fosse «cheia de graça» a Mãe d'Aquele em Quem «habita corporalmente a plenitude da divindade» (Cl 2, 9). Ela foi, por pura graça, concebida sem pecado, como a mais humilde das criaturas, a mais capaz de acolher o dom inefável do Omnipotente. É a justo título que o anjo Gabriel a saúda como «Filha de Sião»: «Ave» (= «Alegra-te»)⁴³. É a acção de graças de todo o povo de Deus, e portanto da Igreja, que ela faz subir até ao Pai, no Espírito Santo, com o seu cântico⁴⁴, quando já portadora, em si, do Filho eterno.
- 723 Em Maria, o Espírito Santo *realiza* o desígnio benevolente do Pai. É pelo Espírito Santo que a Virgem concebe e dá à luz o Filho de Deus. A sua virgindade torna-se fecundidade única, pelo poder do Espírito e da fé⁴⁵.
- 724 Em Maria, o Espírito Santo *manifesta* o Filho do Pai feito Filho da Virgem. Ela é a sarça ardente da teofania definitiva: cheia do Espírito Santo, mostra o Verbo na humildade da sua carne; e é aos pobres⁴⁶ e às primícias das nações⁴⁷ que Ela O dá a conhecer.
- 725 Finalmente, por Maria, o Espírito começa a *pôr em comunhão* com Cristo os homens que são «objecto do amor benevolente de Deus»⁴⁸; e os humildes são sempre os primeiros a recebê-Lo: os pastores, os magos, Simeão e Ana, os esposos de Caná e os primeiros discípulos.
- 726 No termo desta missão do Espírito, Maria torna-se a «Mulher», a nova Eva «mãe dos vivos», Mãe do «Cristo total»⁴⁹. É como tal que Ela está presente com os Doze, «num só coração, assíduos na oração» (Act 1, 14), no alvorecer dos «últimos tempos», que o Espírito vai inaugurar na manhã do Pentecostes, com a manifestação da Igreja.

CIC 1846: Jesus é revelado a José como Salvador

- 1846 O Evangelho é a revelação, em Jesus Cristo, da misericórdia de Deus para com os pecadores⁵⁰. O anjo assim o disse a José: «Pôr-Lhe-ás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados» (Mt 1, 21). O mesmo se diga da Eucaristia, sacramento da Redenção: «Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que vai ser derramado por todos para a remissão dos pecados» (Mt 26, 28).

⁴³ Cf. Sf 3, 14; Zc 2, 14.

⁴⁴ Cf. Lc 1, 46-55.

⁴⁵ Cf. Lc 1, 26-38; Rm 4, 18-21; Gl 4, 26-28.

⁴⁶ Cf. Lc 2, 15-19.

⁴⁷ Cf. Mt 2, 11.

⁴⁸ Cf. Lc 2, 14.

⁴⁹ Cf. Jo 19, 25-27.

⁵⁰ Cf. Lc 15.

CIC 445, 648, 695: Cristo, o Filho de Deus na sua Ressurreição

- 445** É depois da ressurreição que a filiação divina de Jesus aparece no poder da sua humanidade glorificada: «Segundo o Espírito santificante, pela sua ressurreição de entre os mortos, Ele foi estabelecido como Filho de Deus em poder» (*Rm* 1, 4)⁵¹. E os Apóstolos poderão confessar: «Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como a Filho único, cheio de graça e de verdade» (*Jo* 1, 14).
- 648** A ressurreição de Cristo é objecto de fé, na medida em que é uma intervenção transcendente do próprio Deus na criação e na história. Nela, as três pessoas divinas agem em conjunto e manifestam a sua originalidade própria: realizou-se pelo poder do Pai, que «ressuscitou» (*Act* 2, 24) Cristo seu Filho, e assim introduziu de modo perfeito a sua humanidade – com o seu corpo – na Trindade. Jesus foi divinamente revelado «Filho de Deus em todo o seu poder, pela sua ressurreição de entre os mortos» (*Rm* 1, 3-4). São Paulo insiste na manifestação do poder de Deus⁵² por obra do Espírito, que vivificou a humanidade morta de Jesus e a chamou ao estado glorioso de Senhor.
- 695** *A unção.* O simbolismo da unção com óleo é também significativo do Espírito Santo, a ponto de se tornar o seu sinónimo⁵³. Na iniciação cristã, ela é o sinal sacramental da Confirmação, que justamente nas Igrejas Orientais se chama «Crismação». Mas, para lhe apreender toda a força, temos de voltar à primeira unção realizada pelo Espírito Santo: a de Jesus. Cristo («Messias» em hebraico) significa «ungido» pelo Espírito de Deus. Houve «ungidos» do Senhor na antiga Aliança⁵⁴, sobretudo o rei David⁵⁵. Mas Jesus é o ungido de Deus de maneira única: a humanidade que o Filho assume é totalmente «ungida pelo Espírito Santo». Jesus é constituído «Cristo» pelo Espírito Santo⁵⁶. A Virgem Maria concebe Cristo do Espírito Santo, que pelo anjo O anuncia como Cristo aquando do seu nascimento⁵⁷ e leva Simeão a ir ao templo ver o Cristo do Senhor⁵⁸. É Ele que enche Cristo⁵⁹ e cujo poder emana de Cristo nos seus actos de cura e salvamento⁶⁰. Finalmente, é Ele que ressuscita Jesus de entre os mortos⁶¹. Então, plenamente constituído «Cristo» na sua humanidade vencedora da morte⁶², Jesus difunde em profusão o Espírito Santo, até que «os santos» constituam, na sua união à humanidade do Filho de Deus, o «homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo» (*Ef* 4, 13), «o Cristo total», para empregar a expressão de Santo Agostinho⁶³.

⁵¹ Cf. *Act* 13, 33.

⁵² Cf. *Rm* 6, 4; *2 Cor* 13, 4; *Fl* 3, 10; *Ef* 1, 19-22; *Heb* 7, 16.

⁵³ Cf. *1 Jo* 2, 20-27; *2 Cor* 1, 21.

⁵⁴ Cf. *Ex* 30, 22-32.

⁵⁵ Cf. *1 Sm* 16, 13.

⁵⁶ Cf. *Lc* 4, 18-19; *Is* 61, 1.

⁵⁷ Cf. *Lc* 2, 11.

⁵⁸ *Lc* 2, 26-27.

⁵⁹ Cf. *Lc* 4, 1.

⁶⁰ Cf. *Lc* 6, 19; 8, 46.

⁶¹ Cf. *Rm* 1, 4; 8, 11.

⁶² Cf. *Act* 2, 36.

⁶³ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 341, 1, 1: PL 39, 1493; *Ibid.* 9, 11: PL 39, 1499.

CIC 143-149, 494, 2087: “A obediência da fé”

- 143** *Pela fé*, o homem submete completamente a Deus a inteligência e a vontade; com todo o seu ser, o homem dá assentimento a Deus revelador⁶⁴. A Sagrada Escritura chama «obediência da fé» a esta resposta do homem a Deus revelador⁶⁵.
- 144** Obedecer (*ob-audire*) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria.

ABRAÃO – «O PAI DE TODOS OS CRENTES»

- 145** A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (*Heb 11, 8*)⁶⁶. Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida⁶⁷. Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único⁶⁸.
- 146** Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem» (*Heb 11, 1*). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (*Rm 4, 3*)⁶⁹. «Fortalecido» por esta fé (*Rm 4, 20*), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (*Rm 4, 11. 18*)⁷⁰.
- 147** O Antigo Testamento é rico em testemunhos desta fé. A Epístola aos Hebreus faz o elogio da fé exemplar dos antigos, «que lhes valeu um bom testemunho» (*Heb 11, 2. 39*). No entanto, para nós, «Deus previra destino melhor»: a graça de crer no seu Filho Jesus, «guia da nossa fé, que Ele leva à perfeição» (*Heb 11, 40; 12, 2*).

MARIA – «FELIZ AQUELA QUE ACREDITOU»

- 148** A Virgem Maria realiza, do modo mais perfeito, a «obediência da fé». Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazidos pelo anjo Gabriel, acreditando que «a Deus nada é impossível» (*Lc 1, 37*)⁷¹ e dando o seu assentimento: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (*Lc 1, 38*). Isabel saudou-a: «Feliz aquela que acreditou no cumprimento de quanto lhe foi dito

⁶⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 5: AAS 58 (1966) 819.

⁶⁵ Cf. *Rm 1, 5; 16, 26*.

⁶⁶ Cf. *Gn 12, 1-4*.

⁶⁷ Cf. *Gn 23, 4*.

⁶⁸ Cf. *Heb 11, 17*.

⁶⁹ Cf. *Gn 15, 6*.

⁷⁰ Cf. *Gn 15, 5*.

⁷¹ Cf. *Gn 18, 14*.

da parte do Senhor» (Lc 1, 45). É em virtude desta fé que todas as gerações a hão-de proclamar bem-aventurada⁷².

149 Durante toda a sua vida e até à última provação⁷³, quando Jesus, seu filho, morreu na cruz, a sua fé jamais vacilou. Maria nunca deixou de crer «no cumprimento» da Palavra de Deus. Por isso, a Igreja venera em Maria a mais pura realização da fé.

494 Ao anúncio de que dará à luz «o Filho do Altíssimo», sem conhecer homem, pela virtude do Espírito Santo⁷⁴, Maria respondeu pela «obediência da fé»⁷⁵, certa de que «a Deus nada é impossível»: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Assim, dando o seu consentimento à palavra de Deus, Maria tornou-se Mãe de Jesus. E aceitando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina da salvação, entregou-se totalmente à pessoa e à obra do seu Filho para servir, na dependência d'Ele e com Ele, pela graça de Deus, o mistério da redenção⁷⁶:

«Como diz Santo Ireneu, “obedecendo, Ela tornou-se causa de salvação, para si e para todo o género humano”⁷⁷. Eis porque não poucos Padres afirmam, tal como ele, nas suas pregações, que “o nó da desobediência de Eva foi desatado pela obediência de Maria; e aquilo que a virgem Eva atou, com a sua incredulidade, desatou-o a Virgem Maria com a sua fé”⁷⁸; e, por comparação com Eva, chamam Maria a “Mãe dos vivos” e afirmam muitas vezes: “a morte veio por Eva, a vida veio por Maria”⁷⁹.

2087 A nossa vida moral tem a sua fonte na fé em Deus, que nos revela o seu amor. São Paulo fala da «obediência da fé»⁸⁰ como a primeira obrigação. E faz ver, no «desconhecimento de Deus», o princípio e a explicação de todos os desvios morais⁸¹. O nosso dever para com Deus é crer n'Ele e dar testemunho d'Ele.

⁷² Cf. Lc 1, 48.

⁷³ Cf. Lc 2, 35.

⁷⁴ Cf. Lc 1, 28-37.

⁷⁵ Cf. Rm 1, 5.

⁷⁶ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60-61.

⁷⁷ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, 3, 22, 4: SC 211, 440 (PG 7, 959).

⁷⁸ Cf. SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses*, 3, 22, 4: SC 211, 442-444 (PG 7, 959-960).

⁷⁹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60-61.

⁸⁰ Cf. Rm 1, 5; 16, 26.

⁸¹ Cf. Rm 1, 18-32.